



Director literario:

Alcides Campa
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Luís Collares
PAPUSSE

O AMADOR DA T. S. F.

POR LIDIA RODRIGUES LOURENÇO



Zé António Figueiredo,
(que era um pouco bolchevista)
Tinha por íntimo credo,
Ser um grande sem-filista.



Tuão é feio e lhe aborrece,
Massador, sensaborão,
Amam só a T. S. F.
(Ele e o amigo João).



Noutro dia, na cartinha
Que mandára à sua amada,
Escrevera: — «Eusebiazinha
T. S. F.»... e mais nada.



A noite quando apar'ceu,
Pregunta-lhe ela ao postigo:
«Que é que você escreveu?
Ou esteve a troçar comigo?»



«Só pensa em telefonia,
Agora é que eu percebi,
Pois na carta até trazia
T. S. F. no fim...»



Ele então com voz tremida,
Diz à noiva num segredo
«Eu dizia minha qu'rida,
T. eu Saudoso F.igueiredo».



será o teu noivo. E a fada pegando na princesa partiu pelos ares num cavalo com âzas.

Já se prepara tudo para grandes festejos na cidade de D... A princesa Flôr de Lótus vai unir a sua vida à do príncipe Tim. Tem por madrinha a fada do Amôr. Hão-de ser felizes, porque são bonzinhos. O rei invejoso rebentou de raiva ao saber a felicidade dos primos. Quanto ao príncipe que queriam casar com Flôr de Lótus, conformou-se com a sua sorte, porque também era bom e tinha dó da

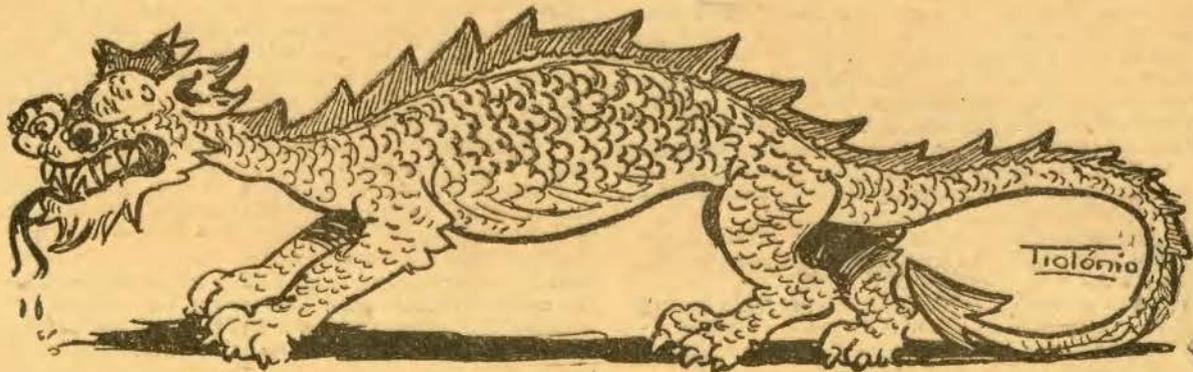
princesa. Não se zangou por ela ter preferido Tim. Sabia que o cofação não vai para onde o mandam.

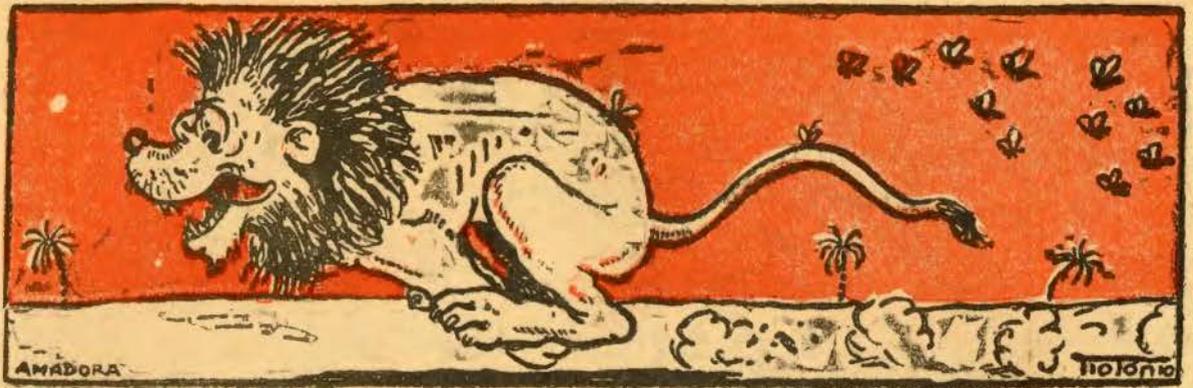
E nada mais tenho a acrescentar a esta história criada pela minha fantasia.

Vitória, Vitória
Acabou-se a história!



PARA OS MENINOS COLORIREM





A guerra dos leões contra os mosquitos

Por Antonio dos Santos Couto
::: Desenhos de Tiotónio :::



UM belo dia de verão, sol diamantino dourando a floresta interminável, a D. Leão, rei dos animais, tendo por séquito a escol dos seus mais vistosos e aguerridos semelhantes, apeteceu dar um longo passeio pelos seus vastos e inexpugnáveis dominios.

Ei-los aí vão: leões, tigres, panteras, etc., avançando flamantes e impávidos, acordando com as suas vozes retumbantes

todos os recantos da floresta, afugentando os pequenos quadrúpedes que, aterrorizados, se dispersam, desordenadamente, em todos os sentidos, e os mimosos emplumados que, arrepiados, esvoaçam loucamente em demanda de mais sossegadas paragens.

Chegados a determinado local, onde se defrontava um pequeno arbusto, Sua Magestade deteve-se. Todo o séquito o imitou, algo intrigado, pois a paragem fôra deveras súbita para ser julgada natural.

O que deteria Sua Magestade?!

Algum animal, que D. Leão sorveria dum trago? Mas, D. Leão, nas suas digressões de gala, não ligava importancia a essas ninharias... Então?... Todo o séquito se aproximou para ver ou ouvir. Nêsse tempo os animais falavam.

E ali, num recanto da floresta, tendo por testemunhas tão somente felinos de requintada ferocidade, travou-se um diálogo singular, inédito, assombroso!

Sua Magestade fiçava, entre curioso e zombeteiro, um alvo, quasi invizível, um ser pequenissimo, pousado na haste de uma planta.

Ageitando o monóculo, (D. Leão era um tanto miope), curvou-se, mirou, remirou, voltou a afirmar-se, e, em seguida, soltou uma feroz e estrepitosa gargalhada, que retumbou como tiro de canhão sobre o silêncio da floresta.

E o ser quasi invizível, microscópico, não se arredou, nem pareceu tremer!

Iludido, escarninho, D. Leão falou, dirigindo-se ao pequeno ser, numa voz branda, para o não assustar:

—Quem és tu, ente vil, que nome te puzeram, que te atreves a embargar a passagem da mais alta personalidade dos bosques?

Eu sou—ouve!—eu sou o leão, o rei! Por onde passo, todos os animais, sem excepção do homem, se curvam humildes ante a minha força!

E o pequeno animal, quêdo e silencioso, ficou como se estivesse ouvindo o pipilar de uma ávesinha.

Chega na verdade a parecer impossivel—prosseguiu Sua Magestade, voltando-se vaidoso para os do séquito,—que a Natureza crie seres tão inferiores, tão mesquinhos que, para os distinguir, seja necessaria a agudesa de uma vista apurada, superior, como a do vosso rei!

Toda a assistência aprovou, num grunhido cortezão.

O ser inferior ensaiou um pequeno voo; mas, com grande admiração de D. Leão, que o imaginava já a fugir, aterrorizado, ante a imponência da sua voz, pousou, tranquilamente, mais perto, ao cimo duma haste do arbusto, quasi cerce à orelha direita do Rei. E, docemente, sem receios, sem cólera, ciciou-lhe pausadamente, numa vósita que semelhava um murmúrio, como resposta, o seguinte:

—Eu sou um mísero mosquito, o mais ínfimo dos seres, como a tua vaidade julga.

Porém, não invejo o teu garbo, a tua fôrça, a tua magnificência, emfim; a voz atrodoadôra com que pretendes ensurdecer-me, tem, vê lá tu! para mim, o valor do chiar dum simples rato!

O teu poder, em que reside todo o teu orgulho, é fictício, como te demonstrarei! Microscópico, como me vês, inofensivo, tenho uma missão a cumprir; e se, isolado, pouco valho, tenho grande merecimento quando acompanhado de meus irmãos,



Não me amedronta, pois, a tua ira, nem a tua astúcia! E poderei provar-to, vaidoso animal!

A Magestade transmitiu aos do séquito os zumbidos do vil animalzinho e uma gargalhada geral, formidável, irrompeu. Todo o séquito, contagiado, riu, riu, até chorar!

E o caso não era para menos!

Um ser quasi imperceptível, que só a vista de D. Leão, apurada e perspicaz, conseguira descobrir, atrever-se a retorquir tão atrevidamente ao rei dos animais que, com uma simples patada, poderia desfazer não só aquele, como centenas de mosquitos, era bravata inconcebível!

Quando terminou a hilaridade, D. Leão, ainda com os olhos rasos d'água, procurou o monóculo que lhe caíra, ageitou-o e assestou-o sobre o mísero.

Pois lá estava, imóvel e socegado!

D. Leão, senhor da sua força, pausadamente, tentando convencê-lo da verdadeira razão, investiu-o:

— Ignoras, porventura, ínfimo ser, insignificante zero, quem é o leão, o rei dos animais!?

Sabes que a minha voz, potente e terrível; basta para fazer tremer, arripiar, todos os seres da floresta no mais recondito dos seus antros?

O homem, o primeiro animal pela inteligência, ainda mesmo armado, receia a minha presença e foge espavorido se lhe apareço de improviso!

E pretendes tu, mesquinho, miserável ser, defrontar, já não digo a minha ferocidade, mas simplesmente a minha augusta presença?!

Mas a mesma voz, ciciada sem um tremor, retorquiu a D. Leão, pensando sempre bem as palavras:

— Eu sei, animal arrogante; sei perfeitamente que todos os animais, inclusivé o homem, receiam e fogem da tua presença... Não ignoro que possues uma energia, uma ferocidade incomparáveis e que, com um simples agitar da tua cauda, podes esmagar seres de maior vulto, quanto mais a débil carcassa que me reveste!

Mas ignoras, vaidoso incorrigível; que a união faz a força e que, se isolado, sou um zero como me consideras, unido a meus irmãos representamos uma força que não receia medir-se com a vossa. E é em nome dessa força — da nossa força — entendes? — que eu te emprozo a um próximo encontro que te tirará as cataratas, rei dos leões, imperador dos pedantes! E, proferido este desafio, esta insólita provocação, disteriu, subtil e airoso, um leve vôo e desapareceu na espessura da folhagem. D. Leão fez um gesto para avan-

çar, ameaçador; mas, envergonhado, parou no mesmo instante.

Abanou a soberba juba em atitude desdenhosa, atroou a floresta com um novo urro formidável e, seguido do brilhante séquito, prosseguiu muito tranquilamente o passeio interrompido.

Decorreram semanas. Não mais Sua Magestade recordou a conversação com o modesto insecto, incidente a que não ligara a mínima importância, seja dito em abono da verdade. O que mais o preocupava e entusiasmava na ocasião, era a parada anual que em breve se realizaria e para a qual tinha aprezado, sem excepção, todos os animais ferozes da sua categoria.

E aí daquele que faltasse à chamada!

Sua Magestade era rigoroso, prezava muito a sua dignidade e sabia bem que tinha sido eleito sem discordância de opiniões por ser, não só o mais digno, como o mais zeloso e valente dos seus congêneres e castigaria inexoravelmente quem faltasse ao seu dever. Haviam sido prevenidos com a devida antecipação para que não houvesse falhas, pois Sua Magestade deliberara imprimir nesse ano á parada uma imponência nunca admirada. Chegou, enfim, o grande, o solene dia!

A próxima floresta, onde em breve se realizaria a magnificente revista, regorgitava de felinos que atroavam os ares com grunhidos repletos de alegria.

Magestosos leões, soberbos e ferocíssimos tigres, ardilosas panteras, etc. etc., passavam a todo o momento sob a a vista severa e imponente de El-Rei D. Leão que, magestosamente, se dignava curvar a orgulhosa juba, cumprimentando.

E o destile durou assim horas, parecendo não ter termo. Seriam milhares, dezenas de milhar? Quem os poderia contar?!

O que não oferece dúvida é que o conjunto de tão soberbos animais, as suas cores variadas, prometia a realização duma coisa algo espantosa, desigual e inoxidável.

Sua Magestade, na aparência impassível mas intimamente comovido, assistia dum mirante do seu antro ao imponente espectáculo. Quando julgou ser ocasião propícia meteu-se com o seu brilhante séquito por entre as alas res-

(Continua na pág. 7)

Subida de posto

por

Maria Carolina Possolo de Carvalho

Desenhos de Tiotônio



O regimento garboso
Lá vai pela estrada fora,
Com um ar vitorioso!

Os cavalos são de cana,
As espadas são de lata,
Chapéu de papel, armados,
De bicos à diplomata.

O comandante, pequeno,
Do valente batalhão,
De olhar leal e sereno,
E' o risonho João,
Que mora no Val'da Mó,
Numa casa solarenga
Em companhia da Avó.

Um outro, chamado António,
E' que faz de capitão;
Arma em valente, o demónio,
E tem um ar refilão;
Com orgulho e com desdem,
Trata mal a toda a gente,
Não tem respeito a ninguém.

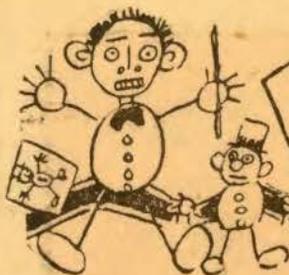


Nisto um borborinho além
Rebôa no fim da estrada;
Não se distingue ninguém!
Só se vê a garotada
A dar palmas de alegria
E um garotinho a gritar:
—«Ai, meu Deus, o que seria?!...»

—Uma coisa de espantar!...
Foi Antonio — o refilão —
Que não quiz deixar entrar
Também para o batalhão,
O Zé Moleiro, coitado,
Que mora no Casal Novo
E que qu'ria ser soldado!

O João, que está ao lado,
Não se pôde então conter,
Ao ver nm tal desalmado
No pobre Zé a bater;
E' num gesto muito nobre,
Ao António se deitou,
Defendendo o rapaz pobre.

Antoninho já não é
Capitão do regimento;
O comandante é o Zé
E, desde aquele momento,
General é o João,
A quem os soldados amam
De todo o seu coração.



Desenho Infantil -

por TIO TÓNIO

1.º Concurso de Desenho Infantil - Condições

Cingindo-se ás lições dos numeros anteriores, todos podem tomar parte no concurso que hoje se inicia.

Consta ele do seguinte:

1.º — Num papel branco, sem linhas, desenhar-se-há a TINTA DA CHINA um ou mais modelos dos que se teem publicado, (do natural) sós ou em conjunto.

Exemplo dos modelos em conjunto — Uma mesa posta para chá, com chavena, bule e um prato com bolos, etc.; para pequeno almoço com cafeteira de cacau e leite, etc.; uma mesa de café com assucareiro de metal e tudo quando queiram só com um ou vários objectos, dispostos de maneira artistica.

Para desenhar a tinta da China, faz-se primeiramente um esboço a lápis, que se cobre a tinta, com pincel fino ou á pena.

E conveniente que, por enquanto, não deem sombras nem côr apresentando apenas as linhas gerais.

2.º — Os trabalhos mais interessantes serão publicados, com o retrato do autor ou autora e a devida apreciação, tendo em vista a idade do concorrente.

3.º — Todos os trabalhos deverão trazer bem nitido o nome, morada e idade do autor, sem o que não serão classificados.

4.º — Deverão ser enviados até ao fim do corrente mês, para a morada que abaixo damos.

5.º — Para a devolução dos retratos ou dos trabalhos que enviarem, devem fazer-los acompanhar de um envelope, devidamente endereçado e estampilhado.

Mãos á obra e não desanimem.

TIO TÓNIO

1.º CONCURSO DE DESENHO INFANTIL

Rua do Seculo, 43 — LISBOA

Guerra dos leões contra os mosquitos

(Continuado da pág. 5)

peitosas e disciplinadas dos seus congéneres e foi tomar a vanguarda.

Chegado ao seu pósto deu as suas ordens e, em seguida, todo o poderoso exército felino se pôs em marcha, derrubando plantas e arbustos, fazendo tremer a terra com o seu péso, em direcção á parte mais espaçosa da floresta, onde a grande revista ia ter lugar.

Sua Magestade, impávido, vaidoso, caminhava, como dissemos, na vanguarda, cujo lugar por direito lhe pertencia.

Depois de eleito erá a primeira vez que dirigia uma parada e envidaria todos os seus esforços para ultrapassar seus antecessores.

Alguns metros avante do poderoso exército, caminhava Sua Magestade, soberbo, tão deslembado de tudo, que não se deteria nem ante a boca dum canhão!

E já a sua pata, impiedosa e terrível, ia esmagar um pequeno arbusto que lhe estorvava o caminho, quando uma pequena recordação lhe atravessou o cérebro...

Fôra ali, ante aquele pequeno arbusto, que a sua arrogância sofrera um cheque! A sua voz dominadora chegara a ser comparada ao chiar dum rato!

Sorriu desdenhosamente mas, singular coincidência, no mesmo instante, como correspondendo ao seu sorriso, uma voz debil, melodiosa, lhe zumbiu ao ouvido.

Sua Magestade parou.

Todo o exército, como travado por força invencível, se deteve também.

E a mesma vósinha de há semanas, a que tivera a ousadia de lhe esmagar o orgulho — a do mosquito, soou dumá forma desagradavel, irónica, ao ouvido de Sua Magestade:

— Soou a hora, enfim! há bastante tempo por mim esperada!

Eu sou um mosquito, um vil insecto, um ser infinitamente pequeno comparado com a vossa robustez; tão pe-

queno mesmo que não consegues descortinar-me, apesar de estar bem perto dos teus olhos...

Lembra-te que insultaste em mim a minha raça e um mosquito, apesar de ser um ente ínfimo como o denominaste, também tem a sua dignidade!

E! pois a minha dignidade, a dignidade de todos os meus irmãos ofendida, que vai responder á tua e á vossa soberba!

Transmite ao teu exército que o vil insecto o vai atacar! Tu és o rei dos leões; pois bem: eu sou o rei dos mosquitos!

Sua Magestade, boquiaberto, maravilhado ante tanta audácia, pensou em calar-se, prosseguir o seu caminho. Mas não! Nada de responsabilidades... E em voz altissonante, terrível, transmitiu ao exército a ridícula provocação, que percorreu, célere como um raio, as densas fileiras dos ferozes combatentes!

Ao pasmo succedeu a indignação. Pois quê! Um ridículo insecto, atrever-se-hia a medir-se com tão rijos combatentes?!

Mas não houve tempo para exteriorisações...

Uma névem negra, tão espessa que cobria os ares, avançava ao longe...

Avançou, aproximou-se, baixou, dispersou e começou a atacar.

A princípio, semi-amedrontada, indecisa, a mole leonina não sabia como atacar, pois não lobrigava nitidamente o inimigo. Mas as ordens não admitiam discussão e Sua Magestade dava-as sêcas, rápidas, como hábil general.

E a batalha cruenta, sem quartel, teve o seu início!

No primeiro ímpeto, milhares e milhares de insectos foram esfacelados, reduzidos a nada pelas garras dos seus ferozes contendores que os sacudiam das partes atacadas. Em compensação muitos felinos urravam de dôr, pois os

(Continua na pág. 8)



insectos, infiltrando-se nos olhos, quasi os cegavam. A nuvem negra, porém, quasi se desfizera e só alguns, raros mosquitos, atacavam ainda com furor.

Já o exército leonino, refeito da surpresa, alinhava as desordenadas hostes para prosseguir a marcha sôb a suprema direcção de Sua Magestade que bem demonstrára no curto combate a pericia de que era dotado quando, — ó Céus! — o horizonte se obscurece de novo e uma nuvem mais densa, mais terrível, avança ameaçadora!

Era um reforço! mas que reforço!

Avançou, redoppiou, pareceu farejar e desceu como um raio, impetuosamente, louco de furia, qual bando sinistro de abutres sôb o desprecavido inimigo...

E ao longe, uns após outros, avançavam à distância de muitos quilómetros, novas multidões, que se vinham agregar aos segundos... E após êsses, ininterruptamente, matematicamente, novas avalanches corriam pressurosas em reforço...

Eram tão vastas, tão espessas, que, numa circunferência de dezenas de quilómetros, o Astro-Rei não conseguia coar seus raios!

Durou o incomparavel prélio duas escassas horas.

E, decorridas essas duas horas, qual a posição de tantos milhares de bravos leões, de impetuosos tigres, de terríveis panteras?!

Completamente atordoados, acoissados por todos os lados, mordidos com fúria, cegos, sem respiração, com a bôca, olhos, ouvidos e ventas atulhadas de mosquitos, ei-los em debandada, fugindo em todas as direcções, atropelando-se furiosamente na ância da fuga, impotentes ante a impossibilidade de lutar com um inimigo que êles mal enxergavam, que os picava, zumbidor, redobrando de furia e aumentando de instante a instante!

Ficou, pois, completamente derrotado o exército felino e foi-se para sempre a maravilhosa parada que tanto ensoberbecia D. Leão.

Horas decorridas, não existia única fera na vasta planície, e o vil insecto—como lhe chamara o rei dos leões—depois de procurar, rebuscar e sem encontrar a quem aguilhoar, levantára vôo, regressara tranquilamente ao ponto da partida, Deus sabe aonde!

Sua Magestade, que não fóra dos ultimos a regressar ao seu antro, depois de lambido cariciosamente pela terna esposa, permanecera longas horas sorumbático, meditando apreensivamente nas consequências da derrota,

No dia seguinte, depois de farejar, espreitar cuidadosamente as paragens, como medida de precaução, não fosse o diabo tecê-las! D. Leão atreveu-se a sair num curto passeio, seguido da cuidadosa e vigilante consorte, hão se desse alguma desagradavel coincidência...

Mas, mal enxergava um pequeno arbusto, parava, farejava e, fazendo o preciso rodeio, prosequia vagarosamente, cautelosamente, o interrompido passeio.

Se ouvia, porém, um ronronar irónico da digna consorte, Sua Magestade desculpava-se, limitando-se a grunhir, de olhos fitos no sólo:

—A prudência é a irmã da virtude!...

Nunca mais houve, que eu saiba, guerra entre a raça felina e o mosquito.

Assim como os homens se não medem aos palmos—segundo o popularíssimo rifão—os mosquitos não se medem aos metros.

Ficou-o sabendo, por experiência, o rei dos leões!

F I M